

Revista ENSAIOS TEOLÓGICOS

Online ISSN 2447-4878

doi.org/10.58855/2447-4878.v10.n1.010



Ensaaios Teológicos está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional

UM CÂNTICO DE FÉ: UMA ANÁLISE DO CAPÍTULO 3 DE HABACUQUE A Song of Faith: an analysis of chapter 3 of Habakkuk

Mário José Duarte Conrado¹

RESUMO

Habacuque, além de ser um profeta pouco conhecido, é único no sentido de que o seu livro não é um chamado de atenção ao povo, mas sim um clamor a Yavé, por misericórdia para com Judá, perante as ameaças eminentes por parte do império Babilônico. Por outro lado, o seu cântico, no capítulo 3, reflete o reconhecimento do agir de Yavé na história, e a certeza de que o justo viverá pela fé (2.4), mesmo que esteja enfrentando condições de grande dificuldade. Nesse contexto, o capítulo 3 assume papel singular, configurando-se como um cântico ou salmo que expressa a resposta final do profeta às revelações divinas recebidas ao longo do livro. Este cântico reflete, de maneira poética e litúrgica, a memória do agir histórico de Yavé, especialmente em sua atuação criadora, redentora e guerreira, ao mesmo tempo em que reafirma a convicção teológica central do livro: “o justo viverá pela sua fé” (Hc 2.4). Mesmo diante de cenários de extrema adversidade, escassez e instabilidade, Habacuque professa uma fé madura, que não nega a realidade do sofrimento, mas encontra em Deus a fonte última de salvação, força e esperança. Assim, neste artigo propôs-se uma análise exegética de Habacuque 3, considerando seus elementos literários, teológicos e históricos, a fim de demonstrar como o cântico funciona como culminação do livro, revelando a transformação do lamento em confiança e do questionamento em adoração.

Palavras-chaves: Habacuque. Salmo. Exegese.

¹ Mestre em Teologia pelo Seminário Teológico Baptista em Queluz, Portugal. Pastor da Igreja Evangélica Baptista da Marinha Grande, Portugal. Professor no Seminário Teológico Baptista em Queluz (Portugal), das disciplinas de Estudo Bíblico, Metodologia do Estudo da Bíblia, Hermenêutica, Hebraico e Exegese do Antigo Testamento. E-mail: bet.conrado@gmail.com

ABSTRACT

Habakkuk, besides being a little-known prophet, is unique in that his book is not a call to the people's attention, but rather a cry to Yahweh for mercy for Judah in the face of imminent threats from the Babylonian empire. On the other hand, his song in chapter 3 reflects the recognition of Yahweh's action in history, and also the certainty that the righteous will live by faith (2:4), even when facing conditions of great difficulty. In this context, chapter 3 assumes a unique role, configuring itself as a song or psalm that expresses the prophet's final response to the divine revelations received throughout the book. This song reflects, in a poetic and liturgical way, the memory of Yahweh's historical actions, especially in his creative, redemptive, and warlike roles, while reaffirming the central theological conviction of the book: "the righteous will live by their faith" (Hab 2:4). Even in the face of extreme adversity, scarcity, and instability, Habakkuk professes a mature faith that does not deny the reality of suffering but finds in God the ultimate source of salvation, strength, and hope. Thus, this article proposes an exegetical analysis of Habakkuk 3, considering its literary, theological, and historical elements, in order to demonstrate how the song functions as the culmination of the book, revealing the transformation of lament into trust and questioning into worship.

Keywords: Habakkuk. Psalm Exegesis.

INTRODUÇÃO

O capítulo 3 de Habacuque é um Salmo que faz parte deste incrível livro, escrito pelo profeta Habacuque. O propósito deste artigo é analisar este Salmo, tendo em conta que é uma resposta do próprio profeta às questões por ele colocadas a Yavé, nos primeiros dois capítulos do livro.

O salmo é, não apenas uma resposta, mas uma autêntica declaração de fé, perante as adversidades que são presentes na vida dele e do povo. É um cântico de autêntica confiança. Como diz House, “o fato de que termina com louvor e confiança faz da profecia uma espécie de mini-saltério moldado por um jeito e ênfase típicos dos profetas”.² O profeta começou por questionar fortemente a Yavé, queixando-se ainda do que o Senhor estava a permitir. Porém ao prosseguir no meio de toda esta tempestade, ele começa a lembrar-se das ações tremendas e incríveis de Yavé, por meio do êxodo do povo, e descreve-o em forma poética, para ser cantada. No auge de tudo isto a sua fé é declarada, de forma triunfante, “ainda assim eu exultarei no Senhor me alegrarei no Deus da minha salvação” (v. 18). Isto confirma a resposta que Yavé lhe revelara, anteriormente, de que “o justo viverá pela sua fé” (2.4). Ora só porque contém um salmo, este livro não é menos profético que os restantes livros proféticos, como se poderá ver neste belo salmo de Habacuque.

Diante disso, neste artigo propõe-se a analisar o cântico de Habacuque à luz de sua unidade literária e teológica com o restante do livro. Inicialmente, apresenta-se uma breve consideração sobre o autor, reconhecendo as limitações históricas e tradições associadas à sua identidade profética. Em seguida, examina-se a introdução literária e litúrgica do salmo, destacando seus elementos musicais e cultuais. O estudo avança para a análise do pedido do

² HOUSE, Paul R. **Teologia do Antigo Testamento**. São Paulo: Vida, 2005, p. 484.

profeta ao Deus Todo-Poderoso, evidenciando o clamor por misericórdia em meio ao temor diante do juízo divino. Posteriormente, investiga-se a teofania descrita nos versículos centrais do cântico, ressaltando a atuação soberana de Yavé na história e sua manifestação como Deus criador, redentor e guerreiro. Por fim, o artigo aborda a confissão de fé expressa nos versículos finais, nos quais Habacuque declara confiança plena em Deus, mesmo diante da adversidade extrema, culminando numa afirmação teológica que reafirma a centralidade da fé como resposta adequada à revelação divina.

1. O PROFETA HABACUQUE

Apesar de ser um livro fantástico, e aparecer claramente a definição de que Habacuque é um profeta, ainda assim, é talvez de todos os profetas, o menos conhecido, ou de quem menos se sabe. Não se conhece nem o nome de seu pai, nem o da sua cidade natal, nem o período histórico em que acontece este oráculo, como normalmente acontece com os restantes profetas.

Uma das dificuldades tem a ver com o significado do próprio nome – (חֲבַקּוּק). Para alguns estudiosos, pode vir de uma raiz hebraica חֲבַק (h_bq) que significa ‘abraço’. Aliás, como diz Feinberg, “Lutero explicou esse nome nestes termos: «Habacuque significa abraçador, aquele que abraça a outro, que o toma em seus braços. Ele abraça o seu povo, isto é, conforta-o e o levanta, como quem abraça uma criança que chora, para acalmá-la com a segurança de que, se Deus quiser, em breve ela estará melhor»”.³ Porém outros estudiosos sugerem que o seu nome pode ser originário do assírio ou acadiano e significa uma espécie de planta. A ausência de informação mais específica a respeito de Habacuque, levou ao aparecimento de várias tradições e opiniões acerca dele. O seu nome aparece no acréscimo apócrifo ao livro de Daniel, na história de Bel e o dragão, apresentando-o como contemporâneo de Daniel⁴; também surgiram lendas de que seria levita, ou de que seria o atalaia citado em Isaías 21, ou ainda identificado como filho da Sunamita curada por Eliseu.⁵

Ainda assim, embora não exista consenso quanto a isto, a Bíblia apresenta-o como profeta. A palavra נָבִיִּים (Näbhî') é a palavra que mais aparece no Antigo Testamento (115x) para definir aquele que é chamado para profetizar. Ligado a isto, e reconhecendo a sua habilidade literária, expressa no livro, alguns sugerem que ele seria um profeta com linhagem de família sacerdotal, “ligada ao culto no templo, com base nas formas litúrgicas do livro”.⁶ Embora se possa concordar com esta última opinião, a verdade é que não se sabe ao certo. Mas uma coisa é certa, é que ele era conhecedor do que se passava na sua terra, Judá, e acerca da forte opressão babilónica. Mas além de conhecedor, era um profeta que sabia clamar a Yavé, e, como se vê neste salmo bem construído, confiar em Yavé.

³ FEINBERG, Charles L. **Os profetas menores**. Miami: Vida, 1988, p. 207.

⁴ GUSSO, Antônio Renato. **Os profetas menores**. introdução fundamental e auxílios para a interpretação. Curitiba: ADSantos, 2017, p. 100.

⁵ GUSSO, 2017, p. 100.

⁶ SAYÃO, Luiz. **O problema do mal no Antigo Testamento**: o caso de Habacuque. São Paulo: Hagnos, 2012, p. 91.

2. INTRODUÇÃO LITERÁRIA E LITÚRGICA AO SALMO (1, 19B)

Embora ainda exista muita discussão sobre a ligação deste Salmo ao livro de Habacuque, e à época em que foi escrito, este artigo não tem como objetivo debater este assunto, mas estudar o Salmo como parte dele, pois denota que o mesmo é resultado da resposta de Yavé ao questionar do profeta, o que leva a crer claramente na unidade deste livro, incluindo este mesmo capítulo.

Este salmo, é provavelmente um cântico litúrgico para ser cantado em ato de culto no templo (v. 19b). O próprio termo, שִׁיגְיוֹנוֹת (*Shig'yönot*), embora sendo pouco conhecido, parece ser um termo musical, que poderá indicar um salmo de lamento.⁷ Nute diz que este título tem a ver com confissão, pois é tem a ver com as “emoções profundas que descreve e provavelmente produz”.⁸ Já Sayão, apresentando Schökel, diz que o termo “se referia a uma confissão de delitos inadvertidos”.⁹ Ainda neste ponto, Andersen acrescenta que o próprio Targum interpreta, como que uma oração por causa da extensão do tempo que Yavé dá aos ímpios, os quais, ao confessarem e retornarem para a Torá com um coração perfeito, terão perdoados os seus pecados, por eles cometidos.¹⁰

Entretanto o salmo é claro que, deve ser acompanhado por instrumentos de cordas, provavelmente uma harpa, e deverá ser orientado por um mestre de música. Interessante também, que surge 3x neste salmo, a expressão סֵלָה (*Selâ*), nos vs. 3, 9 e 13. Curiosamente esta expressão, também de significado desconhecido, aparece 74x no Antigo Testamento, 71x nos Salmos e apenas 3x neste cântico de Habacuque. Parece ser uma espécie de pausa musical durante o cântico.

3. PEDIDO AO TODO-PODEROSO (2)

O capítulo 3 deste livro é a resposta por parte do próprio profeta, às suas perguntas no capítulo 1, resultado daquilo que Yavé lhe foi mostrando, nessas respostas. Como realça Smith, o que está em causa não é que Yavé permita que os ímpios fiquem impunes, pois tal não acontece. Yavé ainda está no trono. Ele agiu no passado para vencer seus inimigos, e fará de novo, como que em resposta ao pedido do seu profeta.¹¹

O profeta, após ter escutado as declarações do Senhor, teme a Yavé. Os organizadores da Bíblia de Estudo de Almeida Revista e Atualizada, traduziram o verbo יָרָא (*yr'*), por ficar *alarmado*. A expressão tem a ver com temor a Yavé, aquele temor que o povo sentiu diante

⁷ GUSSO, 2017, p. 106.

⁸ NUTE, Alan G. Habacuque. Em **Comentário bíblico NVI**. São Paulo: Vida, 2008, p. 1317.

⁹ SAYÃO, 2012, p. 134.

¹⁰ ANDERSEN, F. I. **Habakkuk**: a new translation with introduction and commentary. New Haven; London: Yale University, 2008, vol. 25, p. 273. “The prayer which Habakkuk the prophet prayed when it was revealed to him concerning the extension of time which he gives to the wicked [Iršyy’], that if they return to the torah [l’wryt’] with a perfect heart [blbb šlym] it shall be forgiven them and all their sins which they have committed before him shall be as sins of ignorance [kšlwt’].” - Em Logos Bible Software.

¹¹ SMITH, R. L. **Micah–Malachi**. Dallas: Word, 1998, Vol. 32, p. 115. “Why does God allow the wicked to go unpunished? He does not. God is still on the throne. He acted in the past to overcome his enemies (3:2a), he will do it again at the request of his prophet (3:2b).” - Em Logos Bible Software

do Monte Sinai, enquanto o Senhor descia sobre ele. Um misto de medo com anseio e desejo de estar perto. Habacuque ao escutar acerca do poder de Yavé, ele temeu ao ponto de claramente confiar n'Ele. Como diz Isaltino Coelho Filho, “Saber quão sério, quão Justo e quão sábio é Deus, proporciona uma sensação de segurança, de temor e de respeito”.¹²

Diante deste Yavé soberano ele não pode deixar de confiar nem de obedecer. Por isso diante da sua ação da Sua ira, ele clama para que Yavé se lembre da Sua misericórdia. Esta misericórdia מַחֲסִי (rhm) tem a ver com amor profundo. Quando o verbo se encontra no piel, é normalmente traduzido por misericórdia ou compaixão.¹³ Habacuque clama a Yavé por aquele amor pelo seu povo, por aquela misericórdia, que não tem a ver com o povo, mas com o nome de Yavé. Como diz Sayão, aqui a melhor tradução será, “quando fores agir com ira, não te esqueças da tua misericórdia”.¹⁴ Este temor leva-o a clamar agora desta forma a Yavé. Tremendo perceber que quando existe assim uma confiança em Yavé, resultado deste temor, entende-se a realidade do Seu poder e da sua misericórdia.

4. O DEUS TODO-PODEROSO QUE AGE (3-15)

Se no princípio, o profeta, temeu a Yavé, por causa das Suas palavras, agora vê-se confrontado, através desta teofania¹⁵ que representa a ação de Yavé na história, com a prova do seu poder, tanto criativo como redentor. Habacuque lembra através da história, um Deus que age e sempre agiu, para Sua glória e para bem do seu povo.

O Profeta aqui, inicia chamando Yavé de אֱלֹהִים ('elôah), um nome poético antigo para Yavé, que aparece mais de 40x no livro de Jó. Segundo Coelho Filho, este nome para Yavé, muito habitual no período arcaico, “está associado com o poder criador e redentor de Deus”.¹⁶ E não é um Deus qualquer, mas o Santo que agiu em Temã e Parã, que ficam na região de Edom, trazendo socorro para o povo, através de Débora e Baraque (Jz 5.4). Neste verso 3 encontra-se um paralelismo sinónimo duplo:

Deus vem de Temã,
e do monte Parã **vem o Santo**.
A sua glória cobre os céus,
e a terra se enche do seu louvor (resplendor).

Da mesma região vem Yavé, o Santo, cuja glória e louvor cobre terra e céus. A própria expressão, *louvor* תְּהִלָּה (T^ehillâ), não tem a ver com o louvar entoado pelo povo ou pela criação, mas deve ser entendido como *resplendor* ou *majestade*,¹⁷ preparando já para o que vem a seguir. É que no verso seguinte continua a falar deste brilho. E este brilho não tem a ver com fraca iluminação, mas comparativamente, com o brilho do Sol, que mesmo a 149 600

¹² COELHO FILHO, Isaltino Gomes. **Habacuque**: nosso Contemporâneo. Rio de Janeiro: JUERP, 1990, p. 70.

¹³ COPPES, L. J. 2146 מַחֲסִי. R. L. Harris, G. L. Archer Jr., & B. K. Waltke (Eds.), *Theological Wordbook of the Old Testament* (electronic ed., p. 841). Chicago: Moody, 1999. Em Logos Bible Software.

¹⁴ SAYÃO, 2012, p. 136.

¹⁵ “The theophany is an appearance of God although God himself is never seen in the OT” (SMITH, 1998, vol. 32, p. 115).

¹⁶ COELHO FILHO, 1990, p. 74.

¹⁷ SAYÃO, 2012, p. 136.

000 km, a sua luz consegue causar uma insolação aos menos prevenidos. Por isso, das suas mãos saem relâmpagos; o termo que é traduzido metaforicamente por *raios* ou *relâmpagos*, **קַרְנַיִם** (*Qarnayim*), encontra-se no dual, e pode ser também traduzido por *um par de chifres*, o que também simboliza força e poder. Assim Habacuque, com este termo, demonstra a visibilidade do poder de Yavé, no brilho, como na imponência das hastes (chifres), que são sinal de força e poder contra os adversários. O profeta quer lembrar a glória de Yavé visível, no deserto, enquanto caminhava com o povo durante o Êxodo, mas também no seu caminhar cheio de poder.

De seguida o cenário muda ligeiramente, pois Yavé surge como um rei cujo andar traz juízo sobre todos – peste e pragas ou doença. “Adiante dele vai a peste, e a pestilência segue os seus passos” (v.5). Aquele que escapar do primeiro, “sucumbirá diante do segundo. É uma figura de um julgamento rigoroso e eficiente”.¹⁸ De novo o profeta aponta visualmente para a ação de Yavé na libertação do povo do Egito. Como usou as pragas e as doenças, para trazer o seu castigo. Ele é Senhor de tudo. Muito curioso aqui é também a forma como o profeta utiliza o termo *praga* ou *doença*, **רֶשֶׁהַ** (*Resheq*), que é o nome de uma divindade cananita.¹⁹ É como querer mostrar que até os deuses dos outros povos, são instrumentos de juízo nas mãos de Yavé, pois apenas Ele é Deus. Ele é Senhor de toda a criação, de toda a terra, de todas as nações. Ele tem poder para as fazer estremecer, ou como na versão Almeida de Estudo, tem poder para as *sacudir*. É muito interessante que o verbo **נָתַר** (*ntr*), que se encontra no Hifil, pode ser traduzido por *fazer saltar*, ou na sua raiz original, começar de novo.²⁰ É isto que Yavé faz – Ele tem poder para sacudir, esmigalhar e construir de novo. As nações não são eternas. Apenas os caminhos de Yavé são eternos. Ele abala tudo com a Sua vontade, mesmo o mais inacessível ao homem, mas depois reconstrói de novo, faz de novo, garantido a Sua vontade eternamente. Por isso não há melhor local para se estar do que no centro da vontade de Yavé.

A partir do v.8, Habacuque dirige-se a Yavé diretamente, “usando a segunda pessoa do singular, «tu», em vez de ele ser simplesmente o assunto da discussão. As imagens evocativas também mudam, porquanto aqui Deus é apresentado como o Guerreiro Divino, aquele cujas ações fazem temer, assim como nos versículos anteriores o seu próprio ser causou temor.”²¹ O profeta questiona se a ira de Yavé será contra rios e mares, lembrando como ambos lhe obedeceram para o povo passar, durante o êxodo. E a vitória de Yavé, não é uma qualquer, mas sim a salvação do seu povo. O termo para *vitória*, **יְשׁוּעָה** (*Yeshûâ*) significa salvação ou libertação. Este é sempre o propósito de Yavé, e Ele está bem-preparado para a tarefa.

Mais uma vez, nos versos seguintes, o profeta torna visível, que a criação, seja terra ou mar, não tem qualquer poder ou autoridade diante de Yavé. Nem os montes nem as

¹⁸ COELHO FILHO, 1990, p. 75.

¹⁹ SMITH, 1998, Vol. 32, p. 114.

²⁰ FISHER, M. C. 1449 **נָתַר**. R. L. Harris, G. L. Archer Jr., & B. K. Waltke (Eds.). *Theological Wordbook of the Old Testament* (electronic ed., p. 610). Chicago: Moody, 1999.

²¹ David Baker, em BAKER, David; ALEXANDER, T. Desmond; STURZ, Richard J. *Obadias, Jonas, Miquéias, Naum, Habacuque e Sofonias*: introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova, 2001, p. 355.

profundezas do mar são páreo de Yavé. Pelo contrário, são ferramentas e flechas nas suas mãos. No v. 10, percebe-se que as mãos das profundezas do mar, serão uma linguagem figurada para a força das ondas²² ao bater nos pequenos barcos ou na rocha. Já o v. 11, “O sol e a lua param nas suas moradas”, lembra o episódio em Josué 10, quando este orou para que o sol e lua se detivessem nas suas órbitas, para conseguirem vencer os adversários naquele dia, e como Yavé assim respondeu, trazendo-lhes vitória. Mas Smith vai mais longe, ao apresentar que está presente aqui também a ideia de que, ainda que o sol e lua deixem de brilhar, ainda assim os raios de Yavé serão iluminação suficiente para a batalha.²³

A batalha será terrível para os seus adversários. Num novo paralelismo (v.12), *indignação // ira*, fica claro que Ele trará juízo sobre a terra, sobre as nações, marchando sobre elas. O termo *marchar*, טַחֲרָן (*Tiç’ar*) tem uma forte conotação militar, deixando bem claro que Ele vem para destruir os seus inimigos, no caso, a Babilónia. Yavé já assim o fez com a Assíria, Edom e Egito, e os babilónicos também não resistirão à Sua ira. Yavé nunca sai para a batalha para empatar ou perder, mas sempre para ganhar, pois Ele é Senhor! Mas ao mesmo tempo que sai para destruir os seus inimigos, também sai para salvar o seu povo // *ungido*. Neste paralelismo, este ungido ou messias, segundo Smith, será o rei da linhagem davídica.²⁴

Já Feinberg apresenta duas possibilidades: uma será outra referência a “Israel, estabelecendo assim um paralelo com «teu povo». A outra sustenta que é o Rei de Deus, o Messias, por cuja instrumentalidade e influência Deus efetua a salvação do seu povo”.²⁵

5. A FÉ EXPRESSA NESTE DEUS TODO-PODEROSO (16-19)

De novo há uma mudança no texto, o qual passa agora para a primeira pessoa, sendo desta vez o profeta a falar da sua experiência pessoal. O relato deste momento começa com o reconhecimento de que perante o que ouviu, todo o seu ser como que começa a falhar fisicamente. Há um incómodo interior, uma má disposição, um tremer dos seus lábios, um desfalecer dos seus ossos e vacilar dos seus joelhos. Como diz Baker, “o salmista registra suas reações pessoais de medo e temor diante do poder do Deus Guerreiro”.²⁶ E isto por quê? Segundo Andersen, por causa do que ele ouviu, talvez em ato de culto, acerca do agir de Yavé, e assim, reconhecendo a sua fragilidade, como que percebeu ao entrar no santuário de Yavé, que a ira do Senhor virá sobre os ímpios.²⁷

É interessante que vem o juízo contra os babilónicos, no chamado dia da angústia, e o profeta sente o peso da ira do Senhor que cairá sobre eles. O termo *angústia*, חֲרָה (*Çârâ*) pode

²² SAYÃO, 2012, p. 137.

²³ SMITH, 1998, Vol. 32, p. 116.

²⁴ SMITH, 1998, Vol. 32, p. 116.

²⁵ FEINBERG, 1998, p. 222.

²⁶ BAKER, 2001, p. 360.

²⁷ ANDERSEN, 2008, Vol. 25, p. 343–344. “The connections of v 16 with Hab 3:2 show that what disturbs the prophet is hearing the report (šēma’) of Yahweh’s deed—that is, the recitation of the traditional poem(s) found in vv 3–15. This audition might well have taken place in some cult setting, when the LORD is in his holy Temple, and everyone is silent in his presence (2:20). Habakkuk’s experience is thus like that of the Psalmist who went into the sanctuary of God, and then understood the end of the wicked (Ps 73:17)”.

significar também, *desgraça* ou *necessidade*. Este substantivo refere-se a tudo aquilo que sendo estreito, restringido ou reduzido, leva a pessoa a sentir-se presa, limitada, sem soluções.²⁸ O juízo de Yavé sempre leva a perceber que não existe solução senão na obediência integral e total a Ele.

De seguida, vêm os vs. 17 a 19 e com eles uma das mais emblemáticas declarações de fé, por parte do profeta. Segundo Sayão, este “salmo final apresenta uma mudança extraordinária no profeta. De deprimido e sem esperança, Habacuque torna-se cheio de fé e de expressão religiosa. Em vez de ver o mal, concentra-se na figura de Deus. Em vez de procurar respostas, celebra com alegria”.²⁹

Talvez o profeta comece a perceber que a ira de Yavé, sobre os seus inimigos, possa de alguma forma afetar a economia agrícola da sua nação, ou talvez receie apenas o que lhe poderá acontecer, mas neste momento ele declara a sua plena confiança na graça de Yavé. Esta fé e confiança em Yavé, não é cega, pois o livro de Habacuque não começa com este salmo, mas termina com ele, depois de confrontado com tudo o que o Senhor tem feito ao longo da história. Assim, seja por causa de desastres naturais, seja por causa dos inimigos, ainda que as colheitas não se desenvolvam, ainda que o gado seja morto, ainda que haja fome na sua casa, na nação, ainda que tudo isto se esgote à sua volta, “o salmista vê que, em última instância, sua própria existência não depende delas, mas da fonte delas, Yavé. Ele é o Deus da aliança, que cumpre suas promessas e que, em períodos de aflição para o seu povo da aliança, é também o Deus da sua salvação”³⁰

No v. 18 surge de novo um paralelismo *alegro // exulto*, com *Senhor // Deus da salvação*. Isto apresenta de forma enfática a alegria e a confiança neste Yavé que liberta e sustenta, mesmo no pior dos cenários. O próprio termo *alegro*, תָּלַל (*‘l*z), é um verbo que tem implícito a ideia de triunfo. A confiança de Habacuque está alicerçada num Deus que lhe dá vitória, mesmo quando tudo parece desabar. E este triunfo não tem a ver com os bens, mas com a salvação em Yavé obtida. E de tal forma é assim que ao terminar, ele declara que o Senhor Deus é a sua força. Aqui ele traz a expressão *Yavé ‘adonäy*, que demonstra que este Yavé é o seu Deus pessoal, é o Deus da aliança, que o guia em qualquer circunstância. Por ter este seu Deus, ele pode então andar em lugares altos ou montanhosos. Para isso os seus pés serão semelhantes aos das corças, que pulam e caminham nas montanhas. Yavé lhe daria agilidade, como as corças, para que possam caminhar em lugares seguros, montanhosos,³¹ diante do Senhor.

Tanto na adversidade quanto nos momentos bons, Yavé deve ser sempre exultado como Deus de salvação, pois Ele é Senhor de tudo e só n’Ele há segurança. Como acrescenta Sayão, “reconhecer a Deus e manter-se fiel a ele é a maneira correta de reagir contra o mal”.³² Assim deve-se caminhar mais em lugares altos, na sua presença.

²⁸ HARRIS; ARCHER JR; WALTKE, 1999, p. 778.

²⁹ SAYÃO, 2012, p. 139.

³⁰ BAKER, 2001, p. 360-361.

³¹ GUSSO, 2017, p. 107.

³² SAYÃO, 2012, p. 140.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O livro de Habacuque é uma caminhada entre o desespero e a fé, entre a dúvida e a confiança. Ao olhar para este capítulo, dá para perceber como está intimamente ligado aos anteriores, e como o cântico é resultado das dúvidas colocadas diante de Yavé e as respostas d’Ele obtidas. Isso levou-o a perceber que Yavé não estava inativo ou apático, mas preparando tudo para colocar o seu plano em ação. Assim Habacuque compreendeu a forma do agir de Yavé, e foi lembrado das Suas ações ao longo da história. Perante o agir de Yavé no passado, creu no agir de Yavé no presente e confiou na salvação futura de Yavé. É claramente um livro fantástico e um cântico tremendo.

Essa progressão teológica, visível ao longo do livro e culminando no capítulo 3, evidencia que a fé professada por Habacuque não é resultado de uma aceitação ingênua da realidade, mas de um processo profundo de escuta, confronto e discernimento diante da revelação divina. O profeta não ignora a dor, a injustiça ou a ameaça concreta representada pelos babilônios; ao contrário, ele as apresenta com honestidade diante de Deus. Contudo, ao rememorar o agir histórico de Yavé, especialmente nos eventos fundantes da fé de Israel, Habacuque é conduzido a reinterpretar sua própria realidade à luz da fidelidade divina.

O cântico, portanto, assume papel decisivo como resposta teológica e espiritual às inquietações iniciais do profeta. Por meio da linguagem poética, litúrgica e simbólica, Habacuque confessa que a soberania de Deus transcende as circunstâncias imediatas e que o juízo divino, ainda que temível, está inseparavelmente ligado à misericórdia e à salvação do seu povo. Nesse sentido, o capítulo 3 não apenas encerra o livro, mas oferece uma chave hermenêutica para a compreensão de todo o seu conteúdo, reafirmando que a confiança em Yavé é o caminho legítimo diante do caos e da incerteza.

Por fim, a declaração de fé expressa nos versículos finais constitui um dos testemunhos mais marcantes das Escrituras acerca da confiança em Deus em meio à escassez e à perda. Ao afirmar que continuará a exultar no Senhor mesmo quando todas as bases materiais da vida forem abaladas, Habacuque proclama que a verdadeira segurança do justo não reside nas circunstâncias favoráveis, mas no relacionamento com o Deus da aliança. Assim, o cântico de Habacuque permanece como convite perene à fé madura, que reconhece a soberania de Deus, submete-se à sua vontade e encontra n’Ele a força necessária para caminhar, mesmo nos momentos mais adversos.

REFERÊNCIAS

ANDERSEN, F. I. **Habakkuk**: a new translation with introduction and commentary. New Haven; London: Yale University, 2008. Vol. 25. Em Logos Bible Software.

BAKER, David W.; ALEXANDER, T. Desmond; STURZ, Richard J. **Obadias, Jonas, Miquéias, Naum, Habacuque e Sofonias**: introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova, 2001.

BÍBLIA de Estudo Almeida Revista e Atualizada. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999. Em Logos Bible Software.

COELHO FILHO, Isaltino Gomes. **Habacuque**: nosso Contemporâneo. Rio de Janeiro: JUERP, 1990.

DILLARD, Raymond B.; LONGMAN III, Tremper. **Introdução ao Antigo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2005.

FEINBERG, Charles L. **Os profetas menores**. Miami: Vida, 1988.

GUSSO, Antônio Renato. **Os profetas menores**: introdução fundamental e auxílios para a interpretação. Curitiba: ADSantos, 2017.

HARRIS, R. L.; ARCHER Jr., G. L.; WALTKE, B. K. (Edits.). **Theological Wordbook of the Old Testament**. Chicago: Moody Press. Em Logos Bible Software.

HARRISON, R. K. **Introduction of the Old Testament**. Peabody: Prince Press, 1999.

HOUSE, Paul R. **Teologia do Antigo Testamento**. São Paulo: Vida, 2005.

LASOR, William S.; HUBBARD, David A.; BUSH, Frederic W. **Introdução ao Antigo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 1999.

NUTE, Alan G. **Habacuque**: em Comentário Bíblico NVI. São Paulo: Vida, 2008.

PETRLEVITZ, Luciano R. Observações Literárias em Habacuque 3. **Revista Theos**. Campinas: 6.ed., V.5 - Nº1 (Jun 2009), p. 1-12.

SAYÃO, Luiz. **O problema do mal no Antigo Testamento**: o caso de Habacuque. São Paulo: Hagnos, 2012.

SCHÖKEL, L. Alonso; SICRE DIAZ, J. L. **Profetas II – Ezequiel, doze profetas menores, Daniel, Baruc, carta de Jeremias**. Madrid: Crisandad, 1980, Tomo II.

SMITH, R. L. **Micah–Malachi** (Vol. 32). Dallas: Word, 1998. Em Logos Bible Software.

WALTON, John H.; MATTHEWS, Victor H.; CHAVALAS, Mark W. **Comentário histórico-cultural da Bíblia**: Antigo Testamento. São Paulo: Vida Nova, 2018.